

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa	DIRECTOR BRANCO RODRIGUES	PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis
---	--	---

HOSPICIOS DA SALPÊTRIÈRE E DE BICÈTRE¹

Poucas pessoas vão visitá-las.

O trabalho a que se entregam as cegas consiste principalmente no fabrico de coifas de rede e obras de malha.

As cegas que trabalham dão meio franco a um guia para acompanhá-las a casa do commerciante quando vão levar a sua obra e pagam 70 centimos quando o guia vae sozinho levar ou trazer os pacotes que pesam de 20 a 25 kilogrammas.

De forma que quando o arrematante entregue 5 francos, depois de todos estes descontos, a cega não vem a receber senão 3 francos e meio, havendo 1 franco e meio de despesas geraes.

Das cegas que se encontram na Salpêtrière só 6 é que foram educadas em uma escola.

As outras cegaram já em avançada idade.

Esta circumstancia explica, talvez, a razão por que se encontram entre 200 cegas apenas 12 que sabem ler o Braille.

Entre estas 12 ha a notar que só uma é que se dedicou a aprender Braille, pouco tempo depois de ter cegado.

É verdade que as outras são, na maior parte, antigas operarias anal-fabetas.

¹ Continuado do n.º 3.

Mesmo estas 12 lêem pouco.

Allegam, para se desculparem, que a biblioteca do hospicio está pouco fornecida; porque ha muitos annos não se recebem livros novos.

Apesar disso quando recebem a revista Braille, nem sequer a lêem.

Quanto á biblioteca Braille conhecem-na apenas mal, e nunca se servem della.

A vida intellectual destas pobres mulheres é pois nulla.

A sua unica distracção é passearem nos soberbos jardins do hospicio.

Eis o que pode dizer-se acêrca das cegas asyladas na Salpêtrière.

Vamos agora descrever a Bicêtre.

III

Quando se sae de Paris pela porta de Italia, avista-se immediatamente deante de nós e a meia altura da collina coroada por Villejuif um grande edificio de dois andares com o telhado à la Mansard coberto de ardosias e a fachada do lado de Paris intercortada por quatro pavilhões mais elevados: é o hospicio de Bicêtre.

Adeante e pouco abaixo deste grande edificio, do lado de Paris, encontram-se construcções parallelas designadas sob o nome de «Siberia», porque a temperatura ali é sempre inferior á dos outros edificios.

Esta «Siberia» é unida ao edificio principal por dois pavilhões transversaes, um destinado aos cancerosos, e o outro á rouparia do hospicio.

São interrompidos por um espaço semi-circular abundantemente provido de lilazes e onde se encontra a antiga entrada de Bicêtre, sobre a fachada norte da qual se lê:

A S. JOÃO BAPTISTA, HOSPITAL GERAL, 1668

Adeante da «Siberia» e desta porta estende-se um vasto espaço triangular occupado por uma estancia de carvão e de madeira, e por jardins.

No vertice deste triangulo avista-se um monumento gothico, assás bizarro, reservado aos *offícios dos mortos*.

Para ir de Paris ao hospicio segue-se a avenida de Italia, cêrca de 1 kilometro, depois volta-se á direita e sobe-se uma linda avenida de 500 metros a qual termina na entrada de Bicêtre.

Não se pode errar, porque no caminho encontram-se sempre pensionistas que andam passeando uns apoiados em bengalas e outros em muletas; alguns, installados em pequenas carruagens que elles mesmo movem, fazendo girar as rodas com o impulso dado com os pés ou com as mãos.

À direita e à esquerda da estrada encontram-se algumas tabernas cuja clientela é formada, na maior parte, pelos pensionistas de Bicêtre.

A historia de Bicêtre é longa e por vezes interessante.

Naquelle logar encontrava-se, em 1250, uma granja chamada a «Granja dos Gueulx», que foi dada por Luis IX a uma colonia de Chartreux.

Mas foi em 1286 que João de Pontoise, bispo de Winchester, ali construiu o solar de Gentilly, soberba casa de recreio.

Depois de ter sido confiscado por Filipe o Bello (1294), revendido ao conde de Saboia, Amadeu o Grande, voltou para o dominio real em 1346.

Cedido por Carlos VI a Amadeu o Vermelho, João de Orléans fez aquisição delle, restaurou-o completamente e transformou-o num palacio sumptuoso no qual se admirava mais particularmente a «sala dos retratos».

Em 1414, os cortadores de Paris, sustentando os Bourguinhões contra os Armagnacs incendiaram o castello.

O duque de Berry doou-o, assim feito em ruinas, ao cabido de Notre Dame.

Desde então nunca foi mais restaurado.

Em 1519 tornou-se uma caverna de ladrões e bandidos temiveis, contra os quaes foi preciso reagir.

Depois de os terem assaltado, desalojaram-nos.

Richelieu destruiu, em 1632, tudo o que restava e empreheendeu depois disto a construcção dos edificios actuaes destinados primitivamente para servirem de asylo a officiaes invalidos.

Este projecto não foi posto em execução porque este asylo foi installado no dos Invalidos, que se acabava de construir; mas as *crianças abandonadas* de S. Vicente de Paula foram para ali transportadas, com a respectiva autorização de Anna de Austria.

Em 1656 fundou-se ali um hospicio chamado S. João Baptista, e uma prisão.

Encontravam-se nelle, numa promiscuidade revoltante, mendigos, epilepticos, cegos, soldados invalidos e crianças abandonadas.

Os sexos estavam misturados.

Os doentes estavam «accumulados como uma carga de negros num navio africano».

Para ter direito a uma cama era preciso dar 150 libras por anno; independente disso havia tambem uma cama pequena com quatro logares para 8 hospitalizados, 4 dormiam das oito horas da noite á uma da manhã, e os outros 4 da uma ás seis da manhã.

Assistia-se todas as noites a questões continuas.

O sustento era detestavel.

Desde esta epoca fizeram-se grandes reformas no hospicio.

Foi ali que, no fim do ultimo seculo, Pinel organizou o hospicio dos alienados.

Em 1802, separaram-se os homens das mulheres assim como os hospitalizados segundo a natureza das doenças de que estavam affectados.

Finalmente, deram-lhe a organização actual.

Em 1870 foi, por pouco tempo, consagrado ao tratamento dos variolosos e tornou-se o que é actualmente.

Os cegos, actualmente em numero de 110, estão, tanto quanto possivel, juntos nos mesmos dormitorios, 20 a 30 em cada sala; estes dormitorios, excepto um, são todos no rés-do-chão, o que lhes facilita muito as saidas para os pateos e jardins.

Entre elles encontram-se alguns asylados com vista que lhes servem, algumas vezes, de fraternas auxiliares.

Estas salas teem o nome de Valentim Haüy, Feuchères, S. Vicente de Paula, Vittoz.

Em cada uma das salas acham-se camas collocadas em fileiras ao longo das paredes; e á cabeceira de cada cama fica um pequeno armario junto á parede; proximo da cama uma mesa com gaveta; e ao lado um banco.

A maior parte dos cegos fabricam redes para caça e trabalham uns nos dormitorios, outros em pequenas officinas que alugam mensalmente por 30 centimos á administração.

Alguns cegos fazem uma especie de cavilhas de madeira destinadas aos cortadores, e outros enrolam corda.

Estabeleceram uma especie de sociedade para facilitar o trabalho e diminuir as despesas geraes.

As encomendas que faz o commerciante são dirigidas a um de entre elles que as distribue aos operarios; esse reúne tudo o que é fabricado

por uns e outros e faz chegar os objectos fabricados ao commerciante que os requisitou.

De vez em quando, os cegos fumam e passeam nos jardins.

Agrupam-se em numero de 5 ou 6 e quotizam-se para fazerem a leitura de um jornal ou de um romance, cêrca de duas horas por dia.

Teem tambem uma biblioteca de livros escritos em Braille.

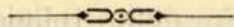
O bibliotecario é um cego que recebe uma pequena retribuição; mas esta biblioteca comprehende especialmente livros classicos muito serios de mais para elles.

É o que nos offerece relatar sobre os cegos da Salpêtrière e de Bicêtre.

Fazer uma visita a estes estabelecimentos é uma cousa muito curiosa, cheia de interesse, e ser-nos-hia difficil dar conta de tudo que ali se pode observar.

Alguns typhlophilos teem feito esforços para darem a todos estes desherdados um pouco mais de bem estar; mas isso é uma empresa que apresenta muitas difficuldades.

ETIENNE ROLAND,
Lente da Universidade.



CEGOS ILLUSTRES¹

Alexandre Rodenbach nasceu em Ronlers (Flandres occidental) em 28 de setembro de 1786, cegou com a idade de dois annos e foi educado por Valentim Haiüy no Museu dos Cegos, onde se tornou o melhor alumno.

Voltando para a sua familia e dirigido por seu pae occupou-se do commercio e da industria, e continuou a aumentar o numero dos seus conhecimentos. Eleito deputado, foi sempre um dos melhores oradores da Camara dos representantes da Belgica e tomou uma parte activa na revolução do seu país; escreveu diversos livros sobre os cegos, entre elles: *Lettre sur les aveugles* (em resposta á de Diderot); *Les aveugles et les sourds-muets*; *Coup d'oeil d'un aveugle sur les sourds-muets* e muitas outras mais.

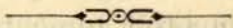
Thomaz Blacklock nasceu na ultima metade do seculo xviii na villa de Annam, na Escocia; cegou aos seis meses de idade em virtude das beigas. Seu pae lia-lhe as melhores obras literarias e os seus companheiros

¹ Concluido do n.º 2.

ensinavam-lhe o latim que aprendiam na escola; e assim obteve uma discreta erudição literaria. Depois da morte do pae, frequentou a Universidade de Edimburgo, onde se doutorou em theologia. Em 1783 casou e pouco depois tomou as ordens de ministro protestante, mas não pôde exercer as suas funcções de pastor, por causa da cegueira. Viveu em Edimburgo dando lições; morreu em 1791.

Deixou muitas poesias, que formam um volume. Nos seus escritos é frequentemente humoristico; não se envergonha de falar da propria cegueira como aconteceu a Antonio Feliciano de Castilho e a outros cegos. Nos seus sermões, que o tornaram celebre, patenteou todo o seu saber, a sua fé e a sua bondade. Foi elle quem primeiro tornou conhecida em Inglaterra, a obra philantropica de Valentim Haüy, do qual traduziu com elegancia um livro publicado em 1786.

Niccolo Tommaseo nasceu em outubro de 1802 em Sebenico (Dalmacia); principiou a sua educação no seminario de Spalato e foi concluir o curso de direito na Universidade de Padua. Foi philosopho, philologo, poeta, critico, professor, romancista, legislador, historiador, orador, theologo, publicista, traductor e politico. Foi muito religioso e o seu primeiro livro intitula-se: *Cristo ottimo degli amici*; compilou um *Dizionario dei sinonimi* e o *Dizionario Universale*; escreveu outras obras literarias e historicas, etc. *Niccolo Tommaseo* errou primeiro pela Italia prégando a redempção da patria; depois, quando começou a resplandecer a liberdade naquelle país, viveu pobre e obscuramente. Morreu em Florença no 1.º de maio de 1874; tinha perdido a vista em 1859.



PROJECTO DE CRIAÇÃO NA ALLEMANHA DE UMA ESCOLA SUPERIOR DE MUSICA PARA OS CEGOS

O *Blindenfreund* em 15 de agosto de 1896 publicava uma petição apresentada pela commissão de Instrucção Publica á Camara da Prussia, com o fim de obter uma escola superior de musica para formar organistas e professores cegos; porque os conservatorios existentes não correspondendo ás necessidades dos cegos davam logar a que o publico fizesse uma ideia erronea acérca das aptidões dos cegos.

Citava-se, em auxilio da petição, um escrito de M. G. Newmann, membro da commissão, que se resume no seguinte:

«Por melhor que sejam realizados os progressos nos institutos officiaes, os resultados, bem mais notaveis, obtidos pela instrucção privada, mostram que os primeiros estão longe de satisfazer todas as necessidades».

O Dr. Schneider, commissario do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, que assistia á leitura da petição, pediu que fosse passada á ordem do dia sem que a tomassem em consideração.

Expôs que necessidade alguma se fazia sentir em abrir novos institutos para os cegos pobres, e affirmou que a sua experiencia tem-lhe demonstrado que só os cegos musicos e intelligentes podiam adquirir uma posição definida.

Voltando á historia da instrucção dos cegos, desde Valentim Haüy até á fundação de todas as escolas que existem para elles na Prussia, e falando da experiencia que pôde ser feita dos estudos da musica, dos excellentes resultados obtidos para o emprego dos trabalhos manuaes, chegava-se á conclusão que seria muito fastidioso obrigar cegos pobres, sem vocação, para um caminho em que a concorrência era das maiores. Accrescentava que a musica não era afinal excluida do ensino, recebido nas escolas.

Em virtude desta exposição a Camara rejeita a petição e passa á ordem do dia.

Ainda aqui não acabou a questão; a petição foi renovada algum tempo depois e assinada por 23 directores ou professores dos institutos.

Seja qual for o resultado desta discussão na Allemanha, parece-nos util voltar ás objecções feitas pelos requerentes acima nomeados, objecções que nos parecem ter generalizado a questão, em demasia, no que respeita a outros paises e notavelmente a França.

A França tem o seu periodo de trabalhos manuaes; a musica era então desprezada ou considerada como um accessorio, mas a datar de 1830, e sobretudo em 1840, os estudos musicaes foram seriamente considerados e actualmente contam-se centenas de organistas que exercem as suas funcções com agrado geral.

Educados na maior parte em boas escolas de cegos, saíram munidos de diplomas e os seus resultados no Conservatorio de Paris (desde alguns annos, quatro cegos ganharam o 1.º premio de orgão, sem falar em recompensas menores) asseguram-lhes um logar incontestavel entre os musicos de fama.

O numero acima citado parece-nos uma demonstração eloquente a favor de uma carreira que é para os cegos a mais productiva, sendo-lhes em tudo sufficientemente accessivel.

Os cegos organistas e professores de musica ganham a media de 1:200 francos por anno; um bom operario julga-se feliz se ganhar regularmente 15 francos por semana, ou sejam 780 francos por anno.

Nem todos os cegos podem ser musicos; isto é fora de duvida, mas os que tem sufficientes aptidões, porque razão não os deixam seguir a sua vocação?

E se o numero de musicos aumentou, o gosto da musica espalhou-se em proporção, e o maior numero de discipulos reclamam professores, bem como as igrejas do campo as quaes por mais pequenas que sejam, possuem presentemente um harmonio, que exige um organista.

O culto catholico é, pois, uma das razões que se pode invocar em França a favor da carreira dos organistas.

Esta razão não existe, por assim dizer, na Allemanha e não tem podido ser tomada em consideração.

Concordamos que certos pseudo-musicos reduzidos á miseria e a toda a especie de expedientes, podem dar, algumas vezes, uma ideia desfavoravel da musica no que respeita á arte professional para os cegos.

As verdadeiras causas deste facto dependem: do proprio cego, da insufficiencia da sua instrucção, ou de uma falta de protecção.

Estes diferentes inconvenientes podem existir em todas as carreiras; é sempre necessario cultivar as disposições sejam ellas quaes forem, fazê-las valer; e a experiencia prova que o cego tem mais necessidade que outros, em tudo e por tudo, de uma protecção tão esclarecida como zelosa.

Ainda só falámos aqui da França, mas é importante accrescentar que na Inglaterra, o Dr. Armitage¹, o illustre typhlophilo, dava um logar de preferencia á musica como carreira para os cegos.

Animava com todas as suas forças o Real Collegio Normal para a missão de formar musicos; todos os annos, pouco mais ou menos 80 por cento dos discipulos, depois de terem deixado o collegio, conseguiam muito bem ser professores, organistas, ou afinadores.

¹ Na sua obra: *The Education and employment of the Blind*. (Londres, 1871).